

## GÊNERO E PODER NOS BAIRROS NEGROS

Debate ou Discussão de Teoria Social

GT11: Gênero, Desigualdade e Cidadania

Maria Estela Rocha Ramos  
Arquiteta e Urbanista (UFES)

Mestre e Doutora - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU - FAU/UFBA)  
mariaestelaramos@gmail.com

### Resumo

As cidades são marcadas por distintas configurações espaciais e podemos observar que comportam, em si próprias, distintas cidades. Nesta diversidade de paisagens das cidades existe a possibilidade de distinguirmos as experiências urbanas dos grupos sociais e seus entendimentos da vida urbana, demarcando as correlações de forças políticas, culturais, econômicas e jurídicas que incidem sobre as cidades. Neste artigo, procuramos formas de produção de cidade a partir de populações negras, segundo suas concepções culturais afro-brasileiras. Os *bairros negros* denotam a possibilidade de se pensar a produção de cidade incorporando as culturas negras como eixo de análise urbana. Nesta perspectiva, destacamos nestes bairros negros a predominante atuação das mulheres negras como importantes agentes de formação social e de transformação espacial.

**Palavras-chave:** Bairros Negros, Gênero, Poder

### 1. Introduzindo a Discussão

Pautamos este artigo, no âmbito do Urbanismo, partindo da perspectiva da produção das cidades na sua formação sócio-espacial fragmentada. Tal produção de cidade fragmentada, e que é inerente na sua formação dada por distintos espaços-tempos é, por um lado, positiva, pela existência e permanência de expressões espaciais originadas de práticas sociais próprias da cultura e do lugar, permitindo a diversidade da cidade; por outro lado, se apresenta de forma negativa, quando verificamos que tal fragmentação da cidade se desdobra num mapeamento que define acesso diferenciado às políticas públicas, numa tentativa de negação à diversidade cultural e espacial e tendência à padronização das cidades pelo viés das práticas dominantes do Urbanismo, que tem favorecido, historicamente, as classes privilegiadas.

Buscando evidenciar a cidade pela sua diversidade cultural e espacial e entendendo que o direito à cidade passa pela compreensão de que a cidade é produzida por diversas formas, construídas pelas diversas experiências urbanas dos habitantes, enquanto grupos sociais e seus entendimentos da vida urbana, este artigo discute a produção de bairros negros pela perspectiva das culturas negras.

Diante da perspectiva diferenciada de análise da produção de cidade para além das relações de renda, dando enfoque às culturas, nosso argumento é subsidiado por diálogos interdisciplinares entre aspectos urbanísticos, sociológicos, geográficos, antropológicos e históricos. A análise isolada por cada um destes campos do conhecimento não é suficiente para a compreensão da complexidade da vida urbana e limita a visibilidade da realidade nos seus múltiplos aspectos.

No campo do Urbanismo, o estudo da cidade pela via das formas urbanas, por exemplo, é insuficiente para explicar, como aponta a socióloga Bárbara Freitag, “*o porquê destas formas, seus efeitos sobre a vida social, seu potencial e seus limites na organização política e econômica de uma sociedade*” (FREITAG, 2006, p. 13).

Tomando o viés das culturas negras para interpretar determinadas áreas das cidades, buscamos entender como a religiosidade de populações negras também constituíram espacialidades urbanas. Estudos da história urbana apontam que, nas palavras do antropólogo Antônio Risério, “*historicamente, o sagrado está na origem da cidade [...], informando-a em termos simbólicos e espaciais*” (RISÉRIO, 2012, p. 16).

Na cidade de Salvador, Bahia, Brasil, os terreiros de candomblé são a expressão mais representativa da religiosidade de populações negras. Salvador é a cidade mais negra do país<sup>1</sup>, que desde a sua fundação, em 1549, recebeu, segundo o historiador Luiz Viana Filho (1946), aproximadamente quatro milhões de africanos, através de ciclos do tráfico negreiro entre os séculos XVI e XIX.

De múltiplas maneiras, referências culturais negro-africanas se reelaboram no Brasil. A expressão do candomblé, na fala do sociólogo Muniz Sodré, se faz “*tanto na forma do culto mítico-religioso como no ludismo festivo*” (SODRÉ, 1988, p. 122), através de confrontações linguístico-filosóficas diante do encontro, no Brasil, de culturas negro-africanas com o Ocidente.

O candomblé é uma religião afro-brasileira<sup>2</sup> que congrega uma comunidade litúrgica, sendo uma invenção brasileira, uma produção da diáspora africana no Brasil cujas matrizes religiosas são africanas. Além da função espiritual, o candomblé também constituiu, ao longo de séculos, um meio de consolidação político-cultural para os grupos sociais negros brasileiros diante da diáspora africana.

No âmbito do candomblé, desta religiosidade do *axé*, energia vital, Sodré (1988) aponta que os poderes decorrentes desta energia se constituem em autoridade a partir do consenso de uma comunidade. Sodré relembra um aforismo yorubá “*Ogbon ju agbara*”, que significa que a sabedoria é mais poderosa que a força física, e informa: “*Ogbon diz propriamente da experiência ética (valores, mitos, liturgia, conhecimentos práticos e aforísticos) que se insere no quadro da antiguidade ou da tradição*” (SODRÉ, 1988, p. 90).

Os terreiros, espaços de referência nos quais se pratica o candomblé - terreiro de candomblé - também são lugares de subjetividade cultural, de formação e de afirmação de identidades, atuando politicamente como um movimento social negro.

Assim, a influência do terreiro não é apenas religiosa, como irradiadores de *energia vital*, mas também cultural, pois não se trata apenas de uma comunidade litúrgica, mas também de um lugar de difusão cultural, ultrapassando as fronteiras físicas do terreiro, projetando-se no pensamento e práticas da sociedade global (SODRÉ, 1988).

A difusão das culturas, e também das culturas negras, na espacialidade se faz nas vivências e práticas do cotidiano, a partir de lógicas de mundo próprias, produzindo espaço sob estas lógicas.

Tomando o pensamento do sociólogo Henri Lefebvre que desenvolve um raciocínio a partir de grupos efêmeros<sup>3</sup>, no qual “*esses grupos [...] inventarão seus momentos e seus atos, seu espaço e seu tempo, suas obras*” (LEFEBVRE, 1999, p. 95), apontamos que grupos sociais negros organizaram seus

<sup>1</sup> Dados do Censo 2010/IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

<sup>2</sup> No Brasil, há uma diversidade de nomenclaturas, nações, linhas e vertentes de religiões afro-brasileiras, que variam conforme as regiões: Umbanda, Jurema, Macumba, Candomblé de Caboclo, Tambor de Mina, Xangô, Batuque, Omolocô, Pajelança, Catimbó, Quimbanda, entre outras.

<sup>3</sup> Interpretamos aqui que grupos efêmeros seriam grupos sociais não dominantes na sociedade global. As populações negras constituem o maior contingente populacional no Brasil, mas que estão submetidas a representações ideológicas como supostas minorias sociais.

próprios momentos, seus atos, seu espaço e seu tempo, orientados por valores culturais afro-brasileiros, como parte de entendimento de mundo.

Diante do processo histórico de formação da cidade de Salvador através dos *terreiros de candomblé*, verificamos que estes constituíram o núcleo da formação histórica de vários bairros, desencadeando o processo de agregação, de povoamento e de orientação de formas sociais e espaciais. Sinalizamos, no entanto, que análises de formações de cidade a partir da espacialidade urbana negra, bem como os estudos referentes às espacializações urbanas decorrentes de organizações religiosas oriundas de grupos sociais negros constituem uma lacuna nos estudos urbanísticos brasileiros, sendo esta a nossa contribuição.

Estes espaços urbanos negros orientados pelo ordenamento espacial originado pela implantação de terreiros são, por sua vez, determinados pela religião ancestral nos princípios de interação com o espaço, natural ou não, em integração com a energia vital. Esta interação também se desdobra na vida social na comunidade local, como extensão da vida do terreiro, numa relação direta entre o mundo religioso e o mundo social.

Na cidade de Salvador, os terreiros são, em grande parte, liderados por mulheres<sup>4</sup>, mulheres negras, mulheres que, enquanto lideranças religiosas, mães-de-santo, exercem poder sobre os terreiros e a comunidade do terreiro, a família-de-santo. Fora dos espaços dos terreiros, as mulheres negras exercem derivações deste poder, como mães-de-família, nos bairros negros.

E nesta difusão das culturas negras de terreiro que se expande para os bairros negros, temos uma relação direta entre mulheres negras e poder.

## 2. Mulheres Negras: Gênero e Poder

Damos início ressaltando o poder exercido por mulheres negras nos bairros negros. Para além da condição subalternizada social e economicamente imposta pela sociedade global às mulheres negras<sup>5</sup>, verificamos que estas ocupam posições de destaque e de poder que transformam a localidade na sua atuação como sujeitos sociais, tanto na rede de relações sociais que estabelecem, quanto na espacialidade, concomitantemente ao enfrentamento às desigualdades étnicas e de gênero.

O estabelecimento destas relações de poder tem sido pautado por fatores como a religiosidade, a matrilinearidade, a senhoria, podendo estar conjugados ou não. Além da autoridade, o exercício do poder promove também a difusão de conhecimentos que são transmitidos, cultivados e reelaborados de geração em geração.

Entendemos que estas condutas conferem, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, um exercício de poder simbólico “*de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo*” (BOURDIEU, 1989, p. 14), produzindo sentidos e instituindo significados.

Como já nos referimos anteriormente, tomamos aqui, como referência, o poder religioso das mães-de-santo, líderes religiosas do candomblé em seus terreiros, que se estende para além dos limites físico-espaciais dos terreiros de candomblé.

Nos terreiros, há a autoridade exercida pelas mães-de-santo sobre a família-de-santo, sobre os vivos e os mortos, enquanto “*intermediária da força mística dos orixás com o corpo dos seus filhos*” (COSTA LIMA, 1977, p. 119). Nos espaços externos aos terreiros, a lógica do *axé*, da energia vital, se prolonga

<sup>4</sup> Dados do Mapeamento dos Terreiros de Salvador (2008).

<sup>5</sup> O Retrato sobre a Desigualdade de Raça e Gênero, de 2009, apresentou que, segundo as pesquisas realizadas pelo instituto brasileiro IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), as mulheres negras ocupam os maiores percentuais entre os desempregados e relegados ao mercado informal, os menores salários e níveis de escolaridade, sendo minoria no acesso à previdência social.

pelo diálogo entre as famílias-de-santo com a vida social, expandindo-se para fora dos terreiros, através de uma convivência que se desdobra na educação doméstica, familiar e comunitária, exercida por mulheres negras, mães-de-santo e/ou mães-de-família.

Evidenciamos as mulheres negras tendo um importante, e talvez fundamental, papel na conformação destes bairros, dado pelo poder religioso, familiar e comunitário, com articulações sociais que se constituem como um elo de condução de práticas sociais que se impregnaram e que foram impregnadas pela localidade.

Tomando exemplos de bairros negros de Salvador, como a Liberdade e o Engenho Velho da Federação (RAMOS, 2007; 2013), temos latentes formações familiares negras com lideranças femininas, que se destacam desde a liderança familiar, passando pela liderança econômica dada às numerosas e exitosas iniciativas individuais de trabalho, às lideranças comunitárias.

E esta é uma trajetória histórica, da condição de mulheres que atravessaram a escravidão até a condição das mulheres negras atuais, na qual algumas destas mulheres retratam verdadeiras epopeias, dadas às desigualdades racistas e sexistas enfrentadas cotidianamente, consolidando uma eficácia social dada pelo êxito de conseguirem manter suas famílias, construírem suas casas, criarem e educarem seus filhos.

A historiadora Cecília Soares (1994) explora este protagonismo da mulher negra desde o período da escravidão, no qual a autora destaca, em meio de tantas mulheres negras no enfrentamento aos conflitos, trajetórias de sucesso na alforria e ascensão social “*superando obstáculos, personificando modelos de resistência e independências no mundo patriarcal e escravista*” (SOARES, 1994, p. 3).

Soares (2012) também evidencia a antropóloga Ruth Landes, em estudo comparativo de mulheres negras em outras sociedades, como a norte-americana e a africana, no qual as negras baianas contribuíram “*no desenvolvimento das instituições matriarcais, numa sociedade rigorosamente patriarcal, [...] as negras brasileiras, ao controlarem os mercados públicos e as sociedades religiosas, também controlavam o âmbito familiar*” (LANDES *apud* SOARES, 2012, p. 293).

As ganhadeiras, por exemplo, desde o período escravista, são mulheres partiam para a conquista de seu sustento e familiares em pleno espaço público, um árduo espaço de poder. As ganhadeiras de Salvador são herdeiras das quitadeiras africanas e que na cidade de Salvador podemos apontar como ícones as baianas de acarajé. Estas vendedoras têm no trabalho do acarajé diversas significações: de um trabalho sagrado, cumprindo a obrigação de preparar e oferecer a comida sagrada à divindade, o orixá, à flexibilização dos dias e horários de trabalho, ao rendimento lucrativo do negócio, que, em muitos casos, incorpora entes familiares, bem aos moldes da dinâmica afro-brasileira.

Do trabalho de lavadeiras “de ganho”, na qual esta expressão é um resquício da escravidão referente à condição de “escravizado de ganho”, aos pequenos comércios nas residências dos bairros, mulheres negras mães-de-família conciliam seus trabalhos remunerados com as atividades domésticas.

Destacamos ainda outra importância entre as mulheres negras, a partir de profissões antigas: parteiras e rezadeiras/benedeiras. As benedeiras ou rezadeiras curavam através de suas rezas e orações os ‘males do corpo e da alma’, entendendo a pessoa na sua totalidade: indicavam chás, banhos de folhas, incensavam as pessoas, rezavam o corpo todo ou somente uma parte. Nas rezas há um ritual de cura que une a fé de várias crenças, que mistura o candomblé, o catolicismo de preto e elementos da cultura indígena, com a combinação de ervas: folhas, sementes, fumos, objetos rituais (amuletos, velas coloridas, santos, terços, incensos), entre outros. Sempre com grande conhecimento botânico, aprendido com familiares antepassados e/ou pelo dom espiritual, muitas das rezadeiras/benedeiras também atendiam as pessoas nas casas das famílias.

Esta liderança de mulheres negras avança no âmbito comunitário, tanto no âmbito do lúdico, quanto no âmbito das lutas e conquistas sociais e políticas: dos festejos domésticos e públicos à organização de

associações de mulheres, que nos dias atuais desenvolvem trabalhos de qualificação profissional para os serviços de corte e costura, artesanato, produção de alimentos, estética afro, cursos profissionalizantes na área da construção civil, como pintura predial e instalações elétricas, inclusão digital e articulações no combate à violência.

Diante deste poder de engendramento social e de transmissão de conhecimentos, apontamos o poder de transformação social e espacial exercido em boa parte por mulheres negras e que se materializaram em seus bairros negros.

### 3. As Sociabilidades Negras na Formação dos Bairros Negros

Nos contextos brasileiros, grande parte do que nós denominamos bairros negros são áreas urbanas autoconstruídas, nas quais aproximadamente 68% dos seus moradores são negros (pretos e pardos), segundo os dados do Censo 2010 (IBGE), constituindo mocambos e favelas. Estas áreas refletem o histórico de resistência política, cultural e de valores civilizatórios das populações negras que, mesmo em condições da subalternidade imposta, sempre atuaram como sujeitos sociais, mostrando-se presentes em nossas cidades através dos espaços autoconstruídos de moradia, na produção e apropriação do espaço urbano.

Estamos nos referindo à ocupação e transformação de áreas totalmente destituídas de infraestrutura urbana, sem loteamentos com ruas, lotes, quadras, sem fornecimento de energia elétrica, de água encanada, sem coleta de lixo. No caso da cidade de Salvador, que apresenta como característica uma topografia bastante irregular, com muitas elevações, vales e baixadas, o processo de urbanização feito com ‘as próprias mãos’ é ainda mais árduo.

O entrosamento comunitário que permitiu a construção coletiva do bairro negro, permitiu também, pela via lúdica, propiciar as festas de bairro: os carurus de setembro oferecidos pelas famílias, as rezas de Santo Antônio, os ternos de reis, os blocos de carnaval, as festas de São João, os sambas juninos, as festas e cortejos dos terreiros, etc., como parte do patrimônio afro-brasileiro.

São bairros negros que se realizam pela autoconstrução coletiva pelos moradores, na acepção do vivido, do sentido, do experimentado, onde suas subjetividades são cultivadas. Estes bairros negros não surgem pelo planejamento urbano, pelo concebido, mas se realizam social e espacialmente no âmbito vivido.

A partir de uma realidade local e de experiências urbanas, identificamos o *bairro negro*, fundamentado numa premissa das culturas negras como orientadoras da configuração espacial, apontadas pelos próprios moradores, por meio das histórias e da memória coletiva do bairro que aparecem em suas falas, produtoras de conhecimento.

A convivência entre os moradores destes bairros baseada nas relações entre pessoas e suas ações/attitudes que se acumularam pelas experiências passadas, constituindo e fortalecendo o entrosamento comunitário pela via lúdica ou pela solidariedade, tornou-se referências para as relações sociais, tanto no presente, quanto no futuro, ao longo das gerações. Entendemos esta convivência como uma forma de *sociabilidade amparada na/pela ancestralidade africana*.

A ancestralidade, como valor civilizatório, é diferenciada no bairro negro pela maneira como é vivenciada, através de uma complexidade de formas de interação entre vivos e mortos, plantas, animais, minerais, fenômenos naturais, já que tudo encerra energia vital, cujas referências partem do candomblé.

Assim, estes bairros negros se constituíram pelo fazer comunitário das casas, o *adjutório*, num processo de autoconstrução semelhante ao mutirão, mas que agradece e encerra a construção com a colocação de uma plantinha na cumeeira da casa; os *caminhos* estabelecidos pela passagem

consentida entre quintais dos vizinhos e que definiram o sistema viário do bairro; a preservação de árvores sagradas na consolidação destes caminhos; os *quintais*, áreas de propriedade particular, de acesso mais restrito, e as *áreas vegetais*, no âmbito do espaço de domínio público, entre caminhos e largos, com o plantio das ervas sagradas e medicinais cujos conhecimentos advêm dos terreiros, como parte do patrimônio afro-brasileiro; os *assentamentos familiares* em interação a ancestrais comuns, entre outras expressões culturais negras que se espalham pelo bairro.

E com suas articulações de penetração, mulheres negras são as grandes porta-vozes destes valores sócio-culturais que delinearão o bairro negro, com importante papel na conformação espacial destes bairros.

#### 4. Para Concluir

Pela perspectiva das culturas negras de terreiros de candomblé, evidenciamos as mulheres negras numa perspectiva positiva através de liderança religiosa, familiar e comunitária nos bairros negros, resultando em afirmação de identidades específicas de mulher negra.

As numerosas iniciativas individuais destas mulheres vão desde os pequenos comércios nas residências em seus bairros negros, nas ruas, como herança das quitandeiras e ganhadeiras desde o período escravista, e até mesmo antes dele, no continente africano, sendo também mães e chefes-de-família, lideranças religiosas, que conciliam o trabalho remunerado, as atividades domésticas e o ativismo religioso, social e político.

No entanto, diante deste protagonismo social, falta visibilidade a estas mulheres negras, enquanto grupos sociais, uma vez que as políticas universalistas têm desconsiderado sua importância social, mas também sua vulnerabilidade, pois são os grupos de menor valorização no mercado de trabalho, com menor acesso à saúde e educação públicas, obtendo pouca visibilidade pela maioria dos estudos urbanos e das políticas públicas.

Ressaltamos que muitas mulheres negras alcançam poder simbólico e financeiro, no qual esta liderança não se desdobra, necessariamente, em poder político e emancipatório, uma vez que, na hierarquia social brasileira, as mulheres, sobretudo as mulheres negras, ocupam os patamares mais desfavoráveis em relação aos índices de educação, saúde, mercado de trabalho, entre outros. Isso se deve ao fato que estas desigualdades são resultado de opressões diferenciadas, vivenciadas por grupos sociais diferentes, nos quais as mulheres negras são as mais acometidas pelo sexismo e racismo.

É preciso reconhecer e valorizar a importante atuação das mulheres negras como agentes de formação social, através de formas associativistas, ao promover ações educativas, projetos culturais e de transformação de espaços urbanos, através da articulação de seus conhecimentos na vida comunitária cotidiana, como forma de manifestação de culturas negras.

#### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

COSTA LIMA, Vivaldo da. **A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo das relações inter-grupais**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1977.

FREITAG, Bárbara. **Teorias da cidade**. Campinas: Papyrus, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAPEAMENTO dos Terreiros de Salvador. Jocélio Teles dos Santos (coord.). Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

RAMOS, Maria Estela R. **Território Afrodescendente: Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Salvador: PPGAU/UFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos. Um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Salvador: PPGAU/UFBA, 2013.

RISÉRIO, Antônio. **A Cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012.

SOARES, Cecília C. Moreira. **Mulher Negra na Bahia no Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Campo de Estudos Afro-Brasileiros na Bahia**. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo. (Org.). *Personalidades Negras: Trajetórias e Estratégias Políticas*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 245-312.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VIANA FILHO, Luis. **O Negro na Bahia**. São Paulo: José Olímpio, 1946.